

A importação descontextualizada de conceitos e o ensino de Administração no Brasil: outro capítulo na “simplicização” dos nossos livros didáticos

Guilherme Lima Moura
Vera Lúcia da Conceição Neto
Daiana Amorim Ferreira

Resumo

O objetivo deste artigo é analisar as Teorias Organizacionais (TO) como uma construção discursiva, histórica e política de ressignificações de saberes, caracterizada pela importação de conceitos de outras áreas de conhecimento recorrendo a analogias e metáforas. Para a análise dos manuais de ensino da Administração, de cursos de graduação de Administração no Brasil, usamos o conceito wittgensteiniano de jogos de linguagem e a concepção austriana de performatividade. Os resultados demonstram que as TO são frequentemente constituídas em apropriações conceituais externas, num processo epistemologicamente frágil e ideologicamente enviesado. A apresentação de um padrão conceitual que trata os principais conceitos da área – “organização” e “administração” – como meras agrupamentos de interesse coletivo. Do ponto de vista pragmático, o significado sempre se consagra no uso, não existindo proprietários etimológicos de conceitos, palavras ou expressões. Contudo, é preciso refletir de maneira contínua e autocrítica sobre como desenvolvemos definições, uma vez que nada se ganha com leituras simplistas de fenômenos complexos, pois está extrema “simplicização” dos fenômenos organizacionais fragiliza o sentido do ensino de Administração e a qualidade analítica dos futuros profissionais. Para futuras pesquisas, sugere-se a inclusão de novos títulos ao *corpus* para confirmação do padrão.

Palavras-chave: Ensino de Administração no Brasil. Importação de conceitos. Epistemologia. Jogos de linguagem. Metáforas.

Guilherme Lima Moura

Universidade Federal de Pernambuco,
UFPE

E-mail: glmoura@gmail.com

 <http://orcid.org/0000-0003-2729-5286>

Vera Lúcia da Conceição Neto

Universidade Federal de Pernambuco,
UFPE

E-mail: vera.neto@imparrh.com.br

 <https://orcid.org/0000-0001-9363-8414>

Daiana Amorim Ferreira

Universidade Federal de Pernambuco,
UFPE

E-mail: daianaamorim26@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0003-3570-2013>

Recebido em: 15/03/2019

Aprovado em: 13/04/2020



<http://www.perspectiva.ufsc.br>

 <http://dx.doi.org/10.5007/2175-795X.2020.e62035>

Abstract

The decontextualized importation of concepts as a linguistic-pragmatic phenomenon in the Management education in Brazil: another chapter “simplification” of our textbooks

This paper analyzes the Organizational Theories (OT) as a discursive, historical and political construction of re-significations of knowledge, characterized by the importation of concepts from other areas of knowledge through analogies and metaphors. It analyzes management teaching manuals, used in undergraduate courses in Administration in Brazil, through the wittgensteinian concept of language game and the austinian conception of performativity. The analysis confirms that OTs are often constituted in external conceptual appropriations, in an epistemologically fragile and ideologically skewed process. We must continually and self-critically reflect on how we develop definitions, since nothing is gained by simplistic readings of complex phenomena. This extreme “simplicization” of organizational phenomena weakens the sense of Management education and the analytical quality of future professionals. There is a consequent social dissemination of instrumental logic, typical of work practices in organizations, and the elimination, in the definition of theoretical-conceptual objects, of the political bias inherent in human relations and the bureaucratic structure of organizations. For future research, it is suggested to add new titles to the *corpus* to confirm the pattern.

Keywords:

Management education in Brazil. Importing concepts. Epistemology. Language games. Metaphors.

Resumen

La importación descontextualizada de conceptos como un fenómeno lingüístico-pragmático en la enseñanza de la Administración en Brasil: más un capítulo de “simplicización” dos nuestros libros introductorios

Este artículo analiza las Teorías Organizacionales (TO), entendidas como un fenómeno lingüístico, específicamente analizadas a partir de teorías pragmáticas del lenguaje, y comprendidas como una construcción discursiva, histórica y política de resignificaciones de saberes. Este proceso de resignificación se caracteriza por la importación de conceptos de otras áreas de conocimiento, a través de la construcción de analogías y de figuras de lenguaje, especialmente metáforas. El texto toma como objeto de análisis empíricos algunos libros usados como manuales de enseñanza de Introducción a la Administración y Teoría General de la Administración, en cursos de graduación de Administración de instituciones de enseñanza superior en Brasil. Con la ayuda del concepto wittgensteiniano de juegos de lenguaje, y de la concepción austiniana de performatividad, el análisis de estos libros ocurre a partir del destaque de palabras y expresiones usadas en los enunciados analizados, cuyo origen puede ser sostenido como de otros campos de conocimiento. Los resultados demuestran que la TO a menudo está constituida por apropiaciones conceptuales externas, en un proceso epistemológicamente frágil e ideológicamente sesgado. Ante esto, es necesario reflexionar de manera continua y autocrítica sobre cómo desarrollamos definiciones, ya que no se gana nada con lecturas simplistas de fenómenos complejos, porque esta extrema “simplicización” de los fenómenos organizacionales debilita el significado de la enseñanza de la Administración y la calidad analítica de futuros profesionales. Para futuras investigaciones, se sugiere agregar nuevos títulos al *corpus* para confirmar el patrón.

Palabras claves:

Importación de conceptos. Enseñanza de Administración. Epistemología. Juegos de lenguaje. Metáforas.

Introdução

Este artigo discute resultados de uma pesquisa que analisa as Teorias Organizacionais (TO), amplamente apreciadas como um fenômeno linguístico, especificamente analisadas sob o viés de teorias pragmáticas da linguagem, e compreendidas como uma construção discursiva, histórica e política de ressignificação de saberes.

Pressupomos aqui que a construção de uma tradição mais ou menos estruturada ou metódica de conhecimento – nesse caso, a científica – é necessariamente uma prática discursiva marcada por uma série de aspectos contextuais, um suposto descrever de fatos que não surge senão a partir de onde se observa, e que possui força ilocucionária com graves consequências para a vida ordinária.

Por TO estamos nos referindo aos discursos explicativos ou prescritivos sobre as organizações modernas, proferidos a partir do marco histórico da Revolução Industrial, e reconhecidos, histórica e formalmente, como constitutivos de certa tradição estruturada de conhecimento: a Administração. Trata-se de um processo histórico e político no qual alguns discursos, em detrimento de outros, passam a ser institucionalmente distinguidos na área como discursos científicos – ou seja, tipos especiais de saberes denominados de teorias. Este processo se revela em sucessivos jogos de ressignificações linguístico-pragmáticas de saberes, e é caracterizado pela importação de conceitos de outras áreas de conhecimento, através da construção de analogias e figuras de linguagem – especialmente metáforas e analogias.

A discussão neste texto tem especificamente como objeto de análise alguns livros usados como manuais de ensino de Introdução à Administração e Teoria Geral da Administração (TGA), em cursos de graduação de Administração em instituições de ensino superior (IES) por todo o país. Entendemos que estes manuais são importantes espaços de elaboração e disseminação dessas ressignificações, porque se propõem a conceituar aspectos diversos do saber da área. Nossa discussão aqui, portanto, é não apenas a respeito da elaboração das TO, mas também sobre o seu ensino na Administração.

O artigo avança com um breve detalhamento da problematização sobre a importação de conceitos nas TO (seção 2), seguido da apresentação dos conceitos teóricos propostos para analisar o problema (seções 3 e 4). Em seguida, apresentamos os procedimentos metodológicos que elaboramos com base naquelas teorias (seção 5), para, então, explanarmos detalhadamente a análise realizada (seção 6) e, por fim, expomos algumas questões à guisa de considerações finais (seção 7).

2 A importação de conceitos nas Teorias Organizacionais

Não é difícil perceber nas TO a presença de um variado repertório de conceitos oriundos de muitas tradições de conhecimento. Guerreiro Ramos (1981), por exemplo, alerta que a prática de tomarmos emprestados conceitos de outras áreas do conhecimento, sem considerarmos seu contexto explicativo de

origem, oferece o risco de transformar o campo de estudos organizacionais “[...] numa mera confusão de divagações abstratas, desprovidas de força e de direção” (*Ibid*, p. 69). Ou seja, desta prática surge nas organizações uma diversidade interpretativa sem precedentes, constituída por teorias de todos os tipos, que convivem numa estranha “interdisciplinaridade” como nos mostra Barbosa (2002, p. 3):

Filosofias inteiramente contraditórias de como devem ser as práticas gerenciais, a organização das empresas e o tipo de conhecimento que devemos utilizar convivem lado a lado em uma mesma organização. Métodos de treinamento de guerra, passando por técnicas de auto-ajuda e “filosofias *new age*” encontram tanto espaço quanto as ferramentas da qualidade e da reengenharia.

Isso significa que, adaptando-se o conceito, obtém-se no novo contexto – as organizações da produção e do trabalho – soluções mirabolantes e convenientemente legitimadoras de determinadas posições de poder. É o caso, por exemplo, da leitura sistêmico-funcionalista que, ao propor a noção de uma organização consensual e harmônica metaforizada no corpo humano, põe em esquecimento a tensão e o conflito interpessoal, importante aspecto constitutivo da dinâmica das estruturas sociais. Vejamos este trecho extraído do livro clássico de um dos chamados “pais da Administração”:

Assim compreendida, a administração não é nem privilégio exclusivo nem encargo pessoal do chefe ou dos dirigentes da empresa; é uma função que se reparte, como as outras funções essenciais, entre a cabeça e os membros do corpo social (FAYOL, 1994, p. 26, grifos nossos).

Como podemos observar, a metáfora da empresa entendida como corpo humano qualifica chefes como “a cabeça” e subordinados como “os membros”. Simboliza também a referida “repartição” da administração em proporções e funções representadas pela metáfora, segundo a qual caberia ao administrador (“a cabeça”) a função de “[...] coordenar os esforços, de harmonizar os atos” (FAYOL, 1994, p. 25). Decorre daí que uma situação em que os membros do corpo entrem em conflito com sua respectiva cabeça é mais do que nociva: é perigosa à “sobrevivência”. Logo, precisa ser obviamente evitada a todo custo e, mesmo, sequer ser cogitada.

A resignificação deste conceito biológico nas TO traz consigo implicitamente a ideia de que a tal “harmonia dos atos” deve ocorrer a todo custo, em favor de todo o corpo e, claro, em última instância, em favor da cabeça, já que entre ela e quaisquer membros do corpo, dever-se-á sempre preservar àquela em detrimento destes. É a cabeça a sede da vida, devendo-lhe cega obediência todo o corpo – afinal, membros não pensam.

Embora tais processos de apropriação teórica, em princípio, sejam tão inevitáveis quanto desejáveis, e apesar do nosso pressuposto pragmático de que o significado surge no uso, defendemos a tese de que eles não se dão de maneira fortuita. São processos de resignificação que têm motivações ideologicamente relevantes, além de consequências teóricas às TO e práticas à vida das pessoas.

Então, o uso nas TO de uma expressão originalmente definida em outra área de conhecimento, cujo primeiro significado surge no uso realizado naquele jogo de linguagem, se ressignifica no jogo de linguagem das TO trazendo consigo, implicitamente, o uso conhecido pelo interlocutor no jogo de linguagem de que foi importada a expressão (particularmente através de figuras de linguagem, como metáforas). O novo significado, portanto, embora atenda aos inevitáveis processos pragmáticos de constituição no uso, no caso das TO padece invariavelmente de uma fragilidade “congenita” porque tende a “simplicizar” o fenômeno em análise – como, aliás, é o padrão de criação de conceitos no campo da administração (MOURA, 2014).

3 Sobre Metáforas e Teorias Organizacionais

Em verdade, não foi apenas Fayol que, na sua perspectiva de engenheiro no início do século passado, fez um uso simplista das metáforas no que poderíamos chamar de uma TO em surgimento. Cabe crítica semelhante ao trabalho do conhecido Gareth Morgan, especialmente no seu *best seller Images of Organization* (MORGAN, 1986). Isso porque sua leitura sobre o tema é extremamente frágil e reducionista, especialmente, quando cotejada com abordagens feitas, por exemplo, pela Linguística e pela Filosofia da Linguagem.

Do ponto de vista Linguístico, uma das críticas que pode ser feita ao trabalho de Morgan diz respeito à sua visão de que as metáforas seriam a única possibilidade para definir as organizações. Moura (2009; 2012; 2014) demonstrou situações em que a metáfora claramente falhou. Estes estudos apresentam o uso metafórico na elaboração de conceitos que, ao invés de enriquecer o seu campo semântico de significados – coisa que as teorias sobre metáforas mais respeitadas atualmente afirmam ocorrer em todos os casos –, produziu o seu oposto: o empobrecimento do conceito, devido à “*simplicização*” que tal uso gerou na ressignificação do fenômeno. E este processo raro ocorreu justamente na área de Administração, particularmente na construção de conceitos presentes em manuais de Introdução à Administração. Assim, metáforas são “imprescindibilidades mais ou menos eficazes, a depender de como reconstroem a complexidade dos fenômenos sobre os quais são elaboradas” (MOURA, 2009, p.73).

O próprio Gibson Burrell, que escreveu com Morgan o clássico *Sociological Paradigms and Organizational Analysis*, faz esta crítica ao colega:

“A outra metáfora implícita que sustenta o livro é típica de meados dos anos 80. É a ideia de **supermercado**. Está claro que incompatibilidade não é mais central nas ideias de Morgan porque nos estudos das organizações, metáforas podem ser apanhadas conforme se queira das prateleiras de um supermercado. Claro que elas trazem consigo todos os tipos de suposições, mas isso é apenas parte do produto. Tivessem Burrell e Morgan usado a mesma metáfora em 1979, e a posição equivalente dentro *Sociological Paradigms and Organizational Analysis* (SPOA) teria sido que aquelas seções integrais do hipermercado estavam fora dos limites dos compradores, por força de sua recusa em entrar em áreas que não sejam de seu interesse. A carne, comida de neném, comida de animais e seção de bebidas teriam sido ignoradas pelos paradigmas equivalentes de vegetarianos, os que não têm filhos, e assim por diante. Mas quando escreveu sozinho para uma platéia americana,

Morgan disse aos leitores de *Images of Organization* que se eles desejassem, nada estaria fora de suas fronteiras, **e eles poderiam perambular conforme quisessem no mercado de ideias**. Eles eram bem-vindos como consumidores. Enquanto incompatibilidade dentro do SPOA significava que a mensagem ali e naquele momento era completamente diferente, aos funcionalistas dizia que eles não poderiam colocar suas mãos compradoras naqueles produtos genuinamente “verdes” daquele hipermercado textual; em *Images of Organization*, a loja era mantida aberta para que eles pudessem pilhar e saquear conforme achassem conveniente. Eles tinham licença do livro para vagar de acordo com o estereótipo do turista norte-americano” (BURRELL, 1999, p. 453, grifos nossos).

Essa crítica feita por Burrell deve-se especialmente à abordagem de um uso combinado das metáforas para enriquecer o seu poder de análise, conforme pode ser visto em Morgan (1997; 2009). Este uso indiscriminado de metáforas para explicar a organização é parte do que ele chama de um utilitarismo epistemologicamente inviável, mas altamente conveniente devido a sua praticidade tipicamente americana. Falta levar em consideração que a adesão a determinadas visões de mundo responde a pressões paradigmáticas mais amplas, possuindo, para com muitas dentre as demais, concordâncias semânticas impraticáveis.

Pinker (2008, p. 271-319) faz uma instigante análise desta concepção, segundo a qual o uso metafórico é a única forma de pensar o mundo: “Pode chamar essa teoria de messiânica. Ela se baseia na ideia de que pensar é achar uma metáfora – a metáfora da metáfora” (PINKER, 2008, p. 275). Ele coteja tal abordagem com outra: a “teoria estraga-prazeres”; e filia-se a ela, ao propor que a metáfora não vai além (sem por isso perder sua importância), de mais um instrumento a serviço da *conceptualização*.

4 O significado no uso, a performatividade e os jogos de linguagem

A questão do contexto como definidor dos processos de significação e ressignificação linguística é central nas teorias pragmáticas, seja pela presença dos elementos indiciais, seja pelos diferentes jogos de linguagem próprios ao novo contexto. Mas foi a concepção designativa da linguagem que seguiu firmemente adiante no legado aristotélico à cultura ocidental. “De modo geral, pode-se dizer que só o segundo Wittgenstein questionou radicalmente os fundamentos dessa concepção” (OLIVEIRA, 2001, p. 34). Suas novas reflexões sobre linguagem são fundamentais na consolidação da crítica da semântica tradicional, em particular no que tange à concepção mentalista e subjetivista do significado.

Opondo-se a “ele mesmo”, Wittgenstein faz uma crítica à sua própria obra clássica (WITTGENSTEIN, 1984, p. 8) e, de tão diferenciado nas ideias apresentadas em seu novo livro, *Investigações Filosóficas*, é por isso nomeado de “segundo Wittgenstein”. Estariam assim radicalmente confrontadas as duas filosofias propostas pelo mesmo autor (e em tão curto espaço de tempo), como talvez nunca se tenha visto na história da Filosofia. Estamos falando da chamada “reviravolta pragmática da linguagem”.

Para o segundo Wittgenstein, não podemos cogitar o significado último das palavras, já que “a significação de uma palavra é seu uso na linguagem” (WITTGENSTEIN, 1984, §43), de modo que “sua

significação é sempre provisória” (OLIVEIRA, 2001, p. 132). “A pergunta pela ‘coisa em si’ já é a ilusão transcendental, à medida que aqui temos a tentativa de empregar palavras fora de qualquer jogo de linguagem” (OLIVEIRA, 2001, p. 127). Todavia, é importante notar que não temos aqui uma questão de mero relativismo em que se diria “então nesse contexto tal palavra significa isso, e naquele aquilo”, ou ainda “para fulano quer dizer isso, mas pra beltrano quer dizer aquilo”. Não é isso. Ou não é apenas isso. Entender significado como uso implica em entender que eu uso a linguagem para fazer algo e, quando eu faço este algo, eis aí seu significado. Não faz sentido perguntar, por exemplo, o que são “a linguagem”, “o conhecimento” e “a realidade”, mas pensar em como essas – e todas as outras – expressões são usadas por nós. O que estamos fazendo ao expressá-las? Isso vai depender dos jogos de linguagem em que nos inserimos ao expressá-las. Dos jogos de linguagem nos quais fomos adestrados na nossa relação com os outros integrantes da comunidade linguística de que fazemos parte, seguindo a regras que lhe são próprias e, assim, vivendo as formas de vida das quais tais jogos emergem.

A exemplo do que ocorre com a filosofia wittgensteiniana da segunda fase, a proposta austiniana (AUSTIN, 1975) posiciona-se epistemologicamente fora do *mainstream* da época (o que aqui, usando expressão proposta por Oliveira (2001), chamamos de uma semântica tradicional), na medida em que sai do paradigma semântico da vericondicionalidade e discute o dizer como um fazer, portanto, não sujeito em princípio (ou, pelo menos, exclusivamente) a verificação do tipo verdadeiro-falso (LEVINSON, 2007, p. 289-290). Seu ponto de partida teórico é o de que “a unidade mínima da comunicação humana não é nem a frase nem qualquer outra expressão. É a realização (*performance*) de alguns tipos de ato” (ARMENGAUD, 2006, p. 99). E o dizer (ou o proferimento) é entendido como um fazer que não se distingue de outros fazeres humanos. São de Austin os conceitos de ato de fala, performatividade e força ilocucionária.

Austin retoma a pergunta “que significa dizer que dizer algo é fazer algo?” (AUSTIN, 1990, p. 85). Ele termina por sistematizar o conceito (também) wittgensteiniano, segundo o qual a significação das expressões linguísticas consiste em seu uso, ao perguntar-se “que se pode fazer com uma expressão linguística?”, ou seja, “que é um ato de fala?”.

Se alguém diz, por exemplo, “este animal é perigoso”, realiza um ato de fala. Emite certos ruídos que são foneticamente pesquisáveis: pronuncia uma frase em língua portuguesa, em princípio compreensível por todos aqueles que fazem parte de uma comunidade linguística. Com isso faz uma afirmação a respeito de determinado animal. Portanto, realiza um ato de fala que, para Austin, é uma realidade complexa e multidimensional (OLIVEIRA, 2001, p.157-159; LEVINSON, 1983; 2007, p. 300-301): ao mesmo tempo locucionário, ilocucionário e perlocucionário.

O significado está na própria ação. Eis o ponto de partida para a distinção das outras duas dimensões da linguagem feitas por Austin. Considerando o próprio ato locucionário, Austin define ato ilocucionário:

no ato de dizermos algo, fazemos também algo. Não se trata, portanto, de uma descrição de intenções ou de um estado mental. O ato ilocucionário é aquele que se executa na medida em que se diz algo, isto é, ao mesmo tempo em que se executa um ato locucionário. Para saber qual é o ato ilocucionário temos que nos perguntar como o ato ilocucionário é usado: para se informar, fazer um juízo, ameaçar etc. Em nosso exemplo (“este animal é perigoso”), conhecemos bem a significação, porém podemos perguntar sobre sua força ilocucionária? O falante pretendia informar? Emitir um juízo? Advertir? Ameaçar? Como o ato ilocucionário nem sempre é explícito, sua força só pode ser explicitada por meio da consideração de todo o contexto. Trata-se da determinação não do significado, mas da força exercida pelo proferimento. Executando atos locucionários e ilocucionários realizamos também o ato perlocucionário, que consiste em provocar, por meio de expressões linguísticas, certos efeitos nos sentimentos, pensamentos e ações de outras pessoas e do próprio falante (convencer, levar a uma decisão etc.) (AUSTIN, 1990, p. 89-90; OTTONI, 1998, p. 35-36).

No nosso exemplo, que alguém: diga essa frase, temos o ato locucionário; por meio desta expressão linguística faça uma advertência, temos o ato ilocucionário; por meio desta expressão linguística consiga afastar alguém do animal, temos o ato perlocucionário. Importante notar que os três atos são realizados por meio do mesmo ato de fala: não se trata de três atos distintos, mas de três dimensões do ato de fala. Austin dá primazia ao ato ilocucionário que, para ele, teria sido tão desprezado em favor dos outros dois pela Filosofia a ponto dessa distinção ter mesmo desaparecido.

Austin (1975), ao avançar e estruturar novas dimensões pragmáticas da linguagem, propõe que se faz bem mais com os dizeres do que supostamente transmitir informações através da linguagem. Na perspectiva da linguagem como o espaço da performatividade, a separação falar-agir não se sustenta teoricamente. Insistir em tal posição – ou seja, ignorar que o falar e o agir estão inexoravelmente imbricados – é posição que carece, portanto, de validade teórica como uma categoria reflexiva e de utilidade para a vida como uma categoria prática.

O que é possível, então, inferir sobre a força do que é dito e que, quando dito, refaz as concepções que constroem sentido? O significar, para além de uma suposta tradução unívoca das locuções, é (re)elaborado sobretudo através da força ilocucionária que só o contexto pragmático é capaz de revelar. Neste sentido, conectando as concepções de Austin e Wittgenstein, a determinação do significado das expressões é o uso, ou seja, o seu aparecimento nos diferentes jogos de linguagem, que são expressões de diferentes formas de vida.

As necessidades lógicas próprias a uma forma de vida são a base de existência das regras gramaticais com a qual os interlocutores usam as expressões e, assim, constituem os significados nos jogos de linguagem. E as mudanças nas regras gramaticais produzem mudanças no uso.

Mas o que acontece quando usamos em um jogo de linguagem expressões próprias de outro jogo

de linguagem? Não é difícil perceber que isso acontece o tempo todo, pela necessidade que temos em fazer analogias entre situações diferentes para nós fazermos entender pelo interlocutor. Mas quais as consequências desses movimentos quando eles ocorrem sistematicamente na constituição de uma determinada tradição de conhecimento? É o que veremos na sequência, ao inserirmos nossa discussão no contexto da análise empírica.

5 Procedimentos metodológicos

Já que o gênero textual científico é essencialmente escrito, optamos por realizar uma pesquisa bibliográfica. Para então voltamos nossas atenções a certo conjunto de produções textuais que costumam ser o espaço prioritário de apresentação das TO, meios impressos que aqui estamos chamando simplesmente de manuais, e os classificamos em duas categorias: “Livros de TGA” e “Livros Clássicos”¹.

Para a definição dos Livros de TGA, partimos do princípio de que deveríamos escolher os livros mais usados pelos cursos de Administração das maiores e melhores Instituições de Ensino Superior (IES) do Brasil. Isso porque teríamos em mãos um material de grande alcance de influência na formação dos administradores brasileiros, em nível de graduação, e ao mesmo tempo estaríamos considerando o que há de formalmente reconhecido como melhor na área de ensino das TO, para que não estivéssemos falando de experiências de formação acadêmica desprestigiadas e/ou isoladas.

Para isso, recorreremos ao levantamento bibliográfico que consta em Moura (2009; 2012), através do qual se chegou a uma relação dos manuais de Introdução à Administração e Teoria Geral da Administração mais usados nas maiores e mais importantes IES do Brasil. Elegemos, dentre a relação de dez livros que o referido levantamento produziu, os dois mais referenciados. E, assim, chegamos ao Corpus - Categoria Livros de TGA: Maximiano (2004) e Maximiano (2005). Para a definição dos Livros Clássicos, nos preocupamos em considerar aqueles que são mais relevantes para as TO, não apenas em função do número de ocorrências em bibliografias, também presentes em Moura (2009; 2012), mas pelo destaque que recebem nos manuais sobre as TO quanto à fundação das suas escolas de pensamento. Ficou assim, então, nosso *corpus* - Categoria Livros Clássicos: Taylor (2006) e Fayol (1990). Compreendemos que esses quatro livros ilustram as questões problematizadas neste artigo, podendo nossa análise provavelmente se estender a outros mais.

Selecionado, então, o *corpus* para nossa análise, foi realizado a leitura dos livros, destacando-se os trechos que parecessem exemplares como indicadores das relações com outras áreas de conhecimento. Interessa-nos destacar, basicamente, dois tipos de proferimentos: 1) metáforas, analogias e eufemismos em geral; 2) conceitos que pudessem ser classificados como originalmente de outras áreas de conhecimento.

¹ A realização de entrevistas junto a professores das disciplinas poderia originar um interessante estudo complementar a este nosso.

Cada destaque feito tornou-se um trecho extraído e passou a ser entendido como um proferimento (realizado pelo autor do livro em questão).

Como artefato de análise, elaboramos o quadro analítico abaixo:

Quadro 1: Quadro analítico

Proferimento (Nº)			
[proferimento]			
Expressão	Jogo de linguagem de origem	Uso da expressão no jogo de linguagem de origem	Uso da expressão no jogo de linguagem das TO
Significados coevocados			
Uso do proferimento no jogo de linguagem das TO			
Ilocução (que pode fazer o autor ao dizer isso?)			
Perlocução (que pode conseguir causar no interlocutor?)			

Fonte: os autores (2020)

Com a ajuda do conceito wittgensteiniano de jogos de linguagem, nossa análise foi feita a partir do destaque de palavras e expressões usadas nos proferimentos analisados, cuja origem pode ser sustentada como de outros campos de conhecimento. Então, são realizadas comparações dos significados no jogo de linguagem de origem com os significados no jogo de linguagem das TO. Em acréscimo, listamos significados coevocados, ou seja, outros significados que estejam associados ao significado principal, que surge neste processo de ressignificação.

O quadro analítico também faz uso da pluridimensionalidade dos atos de fala. Nossa intenção foi contemplar a força ilocucionária na nossa análise, recorrendo à presença da dimensão da performatividade, ou seja, entendendo o uso de expressões nas TO oriundas de outras áreas de conhecimento como a ocorrência de atos de fala, em cuja performatividade se estabelece também seu processo de ressignificação. Desse modo, a análise segue adiante com a descrição das categorias de ilocução (que pode fazer o autor do proferimento ao dizê-lo?) e perlocução (que pode conseguir causar no interlocutor o autor do proferimento ao dizê-lo?), sendo considerada a locução o próprio proferimento.²

² O próprio Austin fez algo parecido, ou seja, tentou sistematizar a identificação dos aspectos ilocucionários e perlocucionários a partir de proferimentos exemplos. Veja Austin (1975, p. 101-102; 1990, p. 90).

6 Analisando fragilidades em ressignificações linguístico-pragmáticas nas TO

Abaixo temos a análise de analogias e metáforas sobre as organizações à luz dos jogos de linguagem, da força ilocucionária e da performatividade, através da aplicação do referido quadro analítico. Abaixo apresentamos especificamente a análise das ocorrências de analogias e metáforas no corpus sobre o tópico “organizações”.

Quadro 2: (a) Analogias ou metáforas de organizações como corpos/organismos vivos

(001) ³	“Assim compreendida, a administração não é nem privilégio exclusivo nem encargo pessoal do chefe ou dos dirigentes da empresa; é uma função que se reparte, como as outras funções essenciais, entre <u>a cabeça e os membros do corpo social</u> .” (FAYOL, 1990, p. 26, grifos nossos).
(003)	“Entre o <u>corpo social</u> da empresa rudimentar, onde apenas um homem desempenha todas as funções, e o da empresa nacional, que emprega milhões de indivíduos, encontramos todas as variações possíveis” (FAYOL, 1990, p. 78).
(004)	“A dualidade de mando é muito freqüente: produz maus resultados em todas as empresas, grandes e pequenas, na família e no estado. O mal é mais temível porque se insinua no <u>organismo social</u> , sob os pretextos mais plausíveis” (FAYOL, 1990, p. 48).
(008)	“Tal como a ‘divisão do trabalho’, a centralização é um fato de <u>ordem natural</u> ; em todo <u>organismo</u> , <u>animal</u> ou social, as <u>sensações</u> convergem para o <u>cérebro</u> ou direção e do cérebro ou direção partem as ordens que movimentam <u>todas as partes do organismo</u> ” (FAYOL, 1990, p. 56).
(009)	“No mundo social, como no <u>mundo animal</u> , um <u>corpo com duas cabeças</u> é um monstro. Sobrevive com dificuldade” (FAYOL, 1990, p. 49).
(011)	“Desde que dois chefes exerçam autoridade sobre o mesmo homem ou sobre o mesmo serviço, estabelece-se uma situação de <u>mal-estar</u> ; se a causa persiste, aumenta a <u>perturbação</u> , a <u>enfermidade</u> aparece como num organismo animal prejudicado por um corpo estranho e observam-se as seguintes conseqüências: ou a dualidade cessa com afastamento ou a anulação de um dos chefes e a <u>saúde social</u> ou o <u>organismo</u> continuam a debilitar-se” (FAYOL, 1990, p. 48, sic).
(012)	“A divisão do trabalho faz parte da <u>natureza</u> . É observada, por exemplo, no <u>reino animal</u> , onde quanto mais perfeito é o ser, maior é a variedade de órgãos encarregados de funções diferentes; nota-se nas sociedades humanas, nas quais, quanto mais complexo é o <u>corpo social</u> , tanto maior e mais íntima é a relação entre a <u>função</u> e o <u>órgão</u> . À medida que a sociedade aumenta, aparecem novos órgãos destinados a substituir o órgão único, primitivamente encarregado de todas as funções” (FAYOL, 1990, p. 44).
(014)	“Examinaremos a seguir os <u>órgãos do corpo social</u> , bem como <u>os indivíduos que compõem esses órgãos</u> , e descobriremos quais as condições que uns e outros devem preencher para que o <u>corpo social seja bem constituído</u> ” (FAYOL, 1990, p. 79).
(021)	“A vida vegetal tem sido, também, objeto de inúmeras aproximações com a vida social. Do ponto de vista do desenvolvimento, do tenro e único caule da arvorezinha brotam ramos que se multiplicam e se cobrem de folhas. E a <u>seiva</u> leva a <u>vida</u> a todos os <u>galhos</u> , mesmo aos mais frágeis, como a ordem superior leva a atividade até às extremidades mais ínfimas e às mais afastadas do <u>corpo social</u> . As árvores ‘não crescem até o céu’, os corpos sociais têm também seus limites. Tratar-se-á de insuficiente força de ascensão da seiva no primeiro caso e de insuficiente capacidade administrativa no segundo? Mas certa força, certo poder que a árvore, pelo se desenvolvimento, sozinha não consegue alcançar pode ser conseqüência do agrupamento, da justaposição, da <u>floresta</u> . Isto é o que a empresa obtém por intermédio dos convênios, escritórios comerciais, trustes, federações. Cada unidade, conservando ampla autonomia, presta à comunidade um concurso que lhe é largamente compensador. A partir de

³ A numeração sequencial dos trechos selecionados não é contínua porque fizemos a pesquisa bibliográfica original em conjunto com outros livros que não foram selecionados no corpus deste artigo.

- certa ordem de grandeza, que não pode ser senão dificilmente excedida, o agrupamento por justaposição é o meio de constituir poderosas associações e desenvolver individualidades ou coletividades vigorosas, com o mínimo de esforço administrativo” (FAYOL, 1990, p. 84-85).
- (022) “É, sobretudo, ao animal que o ser social é amiúde comparado. O homem desempenha no corpo social papel análogo ao da célula no animal: célula única na empresa rudimentar, milésima parte do corpo social na grande empresa. O desenvolvimento do organismo opera-se pelo agrupamento das unidades (homens ou células), pelos órgãos que vão aparecendo, diferenciando-se, aperfeiçoando-se, à medida que aumenta o número de elementos reunidos. No ser social, como no animal, pequeno número de funções essenciais realiza uma variedade infinita de operações. Podem ser feitas inúmeras aproximações entre as funções das duas espécies de organismos. O sistema nervoso, principalmente, tem grandes analogias com o serviço administrativo. Presente e ativo em todos os órgãos, ele não tem geralmente nenhum membro especial e não é visível ao observador superficial. Recolhe, em todos os pontos, as sensações e as transmite primeiro aos centros inferiores, centros reflexos, e daí, se necessário, ao cérebro, à direção. Desses centros, ou do cérebro, parte em seguida a ordem que, por um caminho inverso, chega ao membro ou serviço que deve executar o movimento. O corpo social tem, como o animal, seus atos reflexos e ganglionários executados sem intervenção imediata da autoridade superior. Sem a ação nervosa ou administrativa, o organismo se transforma numa massa inerte e desaparece rapidamente” (FAYOL, 1990, p. 85; p. 134).
- (023) “Órgãos ou membros do corpo social” (FAYOL, 1990, p. 85).
- (027) “Se substituirmos por uma só grande empresa certo número de outras [...], a concentração industrial, assim realizada, produzirá diversos efeitos [...]: dando nascimento a grandes organismos, requererá o concurso de homens de maior envergadura que os anteriormente necessários” (FAYOL, 1990, p. 105).
- (029) “O corpo social em peso sente-se atingido pela amputação de um de seus membros e, sobretudo, de um membro importante. A segurança de cada um dos agentes seria abalada, sua confiança no futuro e, conseqüentemente, seu zelo diminuiriam, se ele não tivesse a convicção de que a operação era necessária e justa” (FAYOL, 1990, p. 122).
- (123) “James Mooney (1884-1957) foi executivo da General Motors, na qual ingressou em 1920. Ele e Alan C. Reiley (1869-1947), escreveram o livro *O progresso da indústria (Onward industry!)*. [...] Em suas palavras, ‘[...] a relação da administração com a organização é similar à relação da psique com o corpo. Nossos corpos são apenas os meios e o instrumento que a força psíquica movimenta para realizar seus fins e desejos’” (MAXIMIANO, 2005, p. 130).
- (124) “Usando a analogia da mente e do corpo para a administração e a organização, Mooney e Reiley formularam seus princípios de organização: Coordenação: o arranjo ordenado do esforço do grupo, para realizar unidade de ação na perseguição de um propósito comum” (MAXIMIANO, 2005, p. 130).

Expressão	Jogo de linguagem de origem	Uso da expressão no jogo de linguagem de origem	Uso da expressão no jogo de linguagem das TO
“mente” ou “psique”	Psicologia	Alma, espírito, inteligência, entendimento	Administração (a função e/ou os dirigentes/gerentes)
“amputação”, “operação”	Medicina	Extração de parte de um corpo/organismo vivo	Demissão
“cabeça”, “cérebro”	Biologia	Parte do corpo humano que contém o encéfalo; sede do intelecto (ou correspondente nos animais)	Dirigentes
“célula”	Biologia	Elemento constitutivo, geralmente microscópico de todo ser vivo	Funcionários
“membros”	Biologia	Parte do corpo dos organismos vertebrados que serve à locomoção ou apreensão	Funcionários

“centros inferiores”, “centros reflexos”, “movimento”, “atos reflexos e ganglionários”	Biologia	Partes (ou ações de partes) motoras de um corpo/organismo vivo	Funcionários (ou ações de funcionários) da organização
“sistema nervoso”, “ação nervosa”	Biologia	Partes (ou ações de partes) neurológicas de um corpo/organismo vivo	Gerentes ou ações de gerentes da organização
“órgão”	Biologia	Parte dos organismos que cumpre determinada função	Integrantes (como um todo) da organização
“corpo”	Biologia	Estrutura física do homem ou do animal	Organização
“organismo”	Biologia	Constituição orgânica autônoma	Organização
“ser”	Filosofia	Ente, criatura, entidade	Organização
“mundo animal”, “natureza”, “reino animal”, “organismo animal”	Zoologia	Ser vivo não vegetal	Organização
“nascimento”	Biologia	Surgimento de um ser vivo	Organização (fundação de)
“corpo com duas cabeças”	Zoologia/ Biologia	Corpo com duas cabeças	Organização (ou parte de) com duplicidade de comando
“seiva”, “vida”, “galhos”, “floresta”	Botânica	Partes ou conjuntos de árvores	Organização (partes ou conglomerados de)
“enfermidade”, “perturbação”, “mal-estar”	Medicina	Alteração mais ou menos grave na saúde	Organização (problemas de funcionamento na)
Significados coevocados	a) saúde, harmonia, bem-estar; b) integração, obediência; c) interesse coletivo; d) vida, inteligência.		
Uso do proferimento no jogo de linguagem das TO	A organização é um corpo formado por seres sociais. Assim como no corpo humano, cada parte do corpo social tem sua respectiva função, sendo cabeça e membros, respectivamente, dirigentes e funcionários, e os gerentes assumindo o papel do sistema nervoso. Para que um ser biológico esteja sempre vivo e saudável, todas as partes devem estar integradas harmonicamente de acordo com os papéis que exercem. Cabeça pensa, sistema nervoso intermedia, membros executam. Se assim não for, todos padecem. A existência de duas cabeças faz do organismo “um monstro”, uma aberração da natureza. Em caso de perturbações na saúde do organismo, intervenções cirúrgicas “necessárias e justas”, como amputações de algum membro ou órgão, podem acontecer em favor do organismo.		
Ilocução (que pode fazer o autor ao dizer isso?)	Distribuir a função administração entre todos os indivíduos da organização, mediante a tipologia “cabeça-sistema nervoso-membros”, entendida a organização como um ser coletivo com interesse único.		

Perlocução (que pode conseguir causar no interlocutor?)	Sentimento de integração com outros participantes da organização, como sendo partes de um todo. Consciência de pertença à função administração. Apagamento das diferenças individuais em favor do todo.
---	---

Fonte: os autores (2020)

Quadro 3: (b) Analogias ou metáforas de organizações como equipes esportivas

(002) “Os ingleses e americanos são os povos mais amigos dos esportes. Sempre que um americano joga basquetebol ou um inglês joga <i>cricket</i> , pode-se dizer que eles se esforçam, por todos os meios, para assegurar a vitória à sua <u>equipe</u> . Fazem tudo a seu alcance para conseguir o maior número possível de pontos. O sentimento de grupo é tão forte que, se algum homem deixa de dar tudo de que é capaz no jogo, é considerado <u>traidor</u> e tratado com desprezo pelos companheiros. Contudo, o trabalhador vem ao serviço, no dia seguinte, e em vez de empregar todo o seu esforço para produzir a maior soma possível de trabalho, quase sempre procura fazer menos do que pode realmente – e produz muito menos do que é capaz. [...] Se ele se interessasse por produzir maior quantidade, seria perseguido por seus companheiros de oficina, com mais veemência, do que se tivesse revelado um <u>traidor</u> no jogo” (TAYLOR, 2006, p. 26-27, grifos do autor)			
Expressão	Jogo de linguagem de origem	Uso da expressão no jogo de linguagem de origem	Uso da expressão no jogo de linguagem das TO
“equipe”	Esportes	Conjunto de indivíduos que tomam parte em uma competição esportiva coletiva	Organização
“traidor”	Ética	Indivíduo infiel, traiçoeiro, que surpreende em sua deslealdade	Funcionário (que não “empregar todo o seu esforço para produzir a maior soma possível de trabalho”)
Significados coevocados		a) lealdade, sacrifício, obediência; b) cooperação, união, harmonia, integração; c) entretenimento, prazer; d) interesse coletivo.	
Uso do proferimento no jogo de linguagem das TO		Como num time de futebol em que toma parte nos seus momentos de lazer, o funcionário deve agir dando o máximo de si porque, afinal, a organização é uma grande equipe onde todos buscam o mesmo objetivo: a vitória da coletividade. Se assim não for, todos saem derrotados.	
Ilocução (que pode fazer o autor ao dizer isso?)		Propor que relações entre funcionários, gerentes e dirigentes no ambiente organizacional possui e mesma lógica dos ambientes sociais formados por amigos que se divertem coletivamente.	
Perlocução (que pode conseguir causar no interlocutor?)		Sentimento de deslealdade para com todos na medida em que não oferece todos os seus esforços à equipe empresarial em que joga.	

Fonte: os autores (2020)

Quadro 4: (c) Analogias ou metáforas de organizações como máquinas

(020) “Compare-se, frequentemente, o corpo social das empresas a uma máquina, a um vegetal, a um animal. As expressões ‘ <u>máquina administrativa</u> ’ e ‘ <u>engrenagem administrativa</u> ’ dão idéia de um organismo que obedece ao impulso do chefe e no qual todas as partes, bem ligadas, se movem harmoniosamente, visando ao mesmo fim. E isso é excelente. Mas elas poderiam, também, dar a impressão de que, como a engrenagem mecânica, a <u>engrenagem administrativa</u> não pode transmitir movimento sem perda de força. É essa uma idéia falsa: a <u>engrenagem administrativa</u> – todo chefe intermediário – pode e deve ser produtora de movimento e de idéias. Há sempre em cada uma dessas <u>engrenagens</u> , em cada um desses chefes intermediários, uma força de iniciativa que, bem empregada, pode aumentar consideravelmente o poder de ação do chefe da empresa. Não é, pois, unicamente no
--

- desperdício da força inicial, através da multiplicidade das transmissões, que se deve procurar o limite de ação de um organismo administrativo. É, antes, na insuficiência da autoridade superior: a força centrífuga prevalece quando a força centrípeta enfraquece” (FAYOL, 1990, p. 84).
- (030) “Seria excessiva imprudência não fazer, periodicamente, inspeções de todos os órgãos de uma máquina, sobretudo de máquina complicada. Fica-se exposto a maus rendimentos, acidentes e mesmo catástrofes. [...] A necessidade de revisões periódicas das máquinas administrativas não é menor, mas tais revisões são infinitamente menos realizadas. [...] Enquanto se sabe perfeitamente o que deve ser um órgão ou uma peça de máquina em bom estado, não se têm, geralmente, noções precisas sobre o que constitui o organismo que tem a seu cargo uma função ou um dos elementos desse organismo” (FAYOL, 1990, p. 124).
- (033) “Uma organização é um sistema de recursos que procura realizar algum tipo de objetivo (ou conjunto de objetivos). Além de objetivos e recursos, as organizações têm dois outros componentes importantes: processos de transformação e divisão do trabalho” (MAXIMIANO, 2005, p. 4).
- (035) “Administração é o processo de tomar decisões sobre objetivos e utilização de recursos. O processo administrativo abrange cinco tipos principais de decisões, também chamadas processos ou funções: planejamento, organização, liderança, execução e controle” (MAXIMIANO, 2005, p. 6).
- (038) “Administradores competentes são recursos sociais importantes” (MAXIMIANO, 2005, p. 7).
- (068) “A prosperidade máxima de cada empregado significa não apenas salários mais altos, mas também, e mais importante, significa o desenvolvimento de cada homem à sua condição de eficiência máxima” (TAYLOR apud MAXIMIANO, 2005, p. 59).
- (076) “A administração científica experimentou altos e baixos. Muitos auto-intitulados ‘especialistas em eficiência’, além de charlatães sem qualificação, propuseram-se a oferecer consultoria orientada exclusivamente para os aspectos físicos do trabalho, ignorando as necessidades e atitudes dos trabalhadores. Esse desvio ajudou a divulgar a imagem da administração científica como proposta fria e calculista, que enxergava os seres humanos como meras peças do processo produtivo.” (MAXIMIANO, 2005, p. 65)
- (099) “Como dizem March e Simon na abertura de seu livro *Organizations*, é mais fácil mostrar as organizações do que tentar defini-las. [...] Certas organizações, as fábricas, são máquinas que produzem outras máquinas, que se juntam em máquinas maiores” (MAXIMIANO, 2005, p. 99-100).
- (140) “A aceitação por parte dos subordinados é essencial para que a autoridade seja eficaz. Se as pessoas seguirem as ordens cegamente, os gerentes não precisam encará-las como seres humanos pensantes. A teoria da aceitação da autoridade destaca uma importante dimensão comportamental da administração e da relação entre administrador e subordinado. Barnard acreditava que os objetivos individuais e organizacionais poderiam ser compatibilizados se os gerentes entendessem a idéia da região da indiferença – aquilo que o empregado aceitaria fazer sem questionar a autoridade do gerente. Quanto maior a quantidade de tarefas que estivessem dentro da região de indiferença, maior seria a cooperação” (MAXIMIANO, 2005, p. 140).
- (159) “Os gerentes lidam com recursos limitados que devem ser usados para atender a necessidades que concorrem entre si. Eles devem decidir a quais atividades alocar seu tempo, ou a quais projetos alocar funcionários. Assim, a habilidade de alocação de recursos fornece ao gerente os critérios para a definição de prioridades a fim de que as escolhas sejam as melhores” (MAXIMIANO, 2005, p. 154).

Expressão	Jogo de linguagem de origem	Uso da expressão no jogo de linguagem de origem	Uso da expressão no jogo de linguagem das TO
“força centrípeta”	Física	Força física que tende a aproximar do centro	Dirigente
“recurso”	Economia	Bens materiais, meio, expediente	Funcionário

“força centrífuga”	Física	Força física que tende a afastar do centro	Funcionário
“peças”	Engenharia	Componentes de máquinas	Funcionário
“eficiência máxima”	Engenharia	Rendimento	Funcionário (ação do)
“engrenagem”	Engenharia	Conjunto de peças de uma máquina	Gerente
“máquina”	Engenharia	Aparelho ou veículo motor ou locomotor	Organização
Significados coevocados		a) utilidade, capacidade, eficiência, custo; b) irracionalidade, serventia; c) vida útil, descarte, reposição; d) integração, disciplina; e) interesse coletivo.	
Uso do proferimento no jogo de linguagem das TO		Organizações são máquinas, cujas peças, engrenagens, recursos e forças físicas são funcionários, gerentes e dirigentes. Cabe aos últimos atuarem, cumprindo seu papel nas engrenagens, para que os primeiros funcionem adequadamente, como alguém que dá manutenção em um motor de um carro.	
Hocução (que pode fazer o autor ao dizer isso?)		Sugerir que organizações são entidades estruturadamente arquitetadas para funcionar bem e cumprir seu papel a partir da ação mecânica de suas peças.	
Perlocução (que pode conseguir causar no interlocutor?)		Concepção de pessoas como peças de uma máquina.	

Fonte: os autores (2020)

Quadro 5: (d) Analogias ou metáforas de organizações como exércitos

(015)	“Se um chefe sagaz não puser as coisas em <u>ordem</u> , surgirão usurpações a perturbar a <u>marcha dos negócios</u> , comprometendo-os” (FAYOL, 1990, p. 49)
(016)	“Quando se manifesta uma <u>falha na disciplina</u> ou quando o entendimento ou a harmonia entre os chefes e os subordinados deixa algo a desejar, [...] quase sempre, o mal é uma conseqüência da incapacidade dos chefes. [...] Sempre observei que os operários franceses são <u>obedientes e mesmo abnegados, quando bem dirigidos</u> .” (FAYOL, 1990, p. 46-47)
(017)	“O modo de retribuição do pessoal pode ter influência considerável sobre a <u>marcha dos negócios</u> .” (FAYOL, 1990, p. 50)
(018)	“O espírito público está profundamente convencido de que a disciplina é absolutamente necessária ao bom andamento dos negócios e de que nenhuma empresa poderia prosperar sem ela. Esse conceito tem sido expresso com grande vigor nos <u>manuals militares</u> , onde se lê: ‘a disciplina é a principal força dos exércitos’. Eu aprovaria sem reservas esse aforismo se fosse seguido deste outro: ‘a disciplina é tal como a fazem os chefes’. [...] O estado de disciplina de um corpo social qualquer depende essencialmente do valor dos chefes.” (FAYOL, 1990, p. 46)
(057)	“Reconhecidas nas <u>campanhas de Mão Tsé-Tung</u> e Ho Chi Minh as teorias de Sun Tzu chamaram a atenção do Ocidente. A <u>arte da guerra</u> é um manual de recomendações que sobreviveu à passagem dos séculos por tratar de <u>princípios fundamentais permanentes, sobre planejamento, comando e doutrina, entre outros assuntos</u> . Alguns deles são reconhecidos como <u>de grande utilidade na administração de todos os tipos de organizações</u> .” (MAXIMIANO, 2005, p. 29)
(058)	“Das inúmeras idéias renascentistas a respeito da administração, <u>as de Maquiavel contam-se entre as mais influentes</u> . [...] Maquiavel pode ser entendido <u>como um analista do poder e do comportamento dos dirigentes em organizações complexas</u> . Se tivesse vivido na segunda metade do século XX, certamente seria um <u>escritor de textos de administração e liderança</u> . [...] As idéias de Maquiavel a respeito de liderança <u>continuam atuais e alinhadas com os mais avançados conceitos sobre esse tema</u> .” (MAXIMIANO, 2005, p. 41-42)

<p>(120) “Em 1923 [...] a General Motors era um modelo de grande organização bem estruturada. As divisões eram centros de lucro, administrados ‘com base nos números’ pelo <u>quartel-general</u>.” (MAXIMIANO, 2005, p. 129)</p> <p>(118) “Emerson admirava os esforços organizacionais do <u>General Von Moltke</u>, que tinha desenvolvido o conceito de <u>Estado-Maior (linha e assessoria, <i>line and staff</i>)</u> e transformado o exército prussiano em uma eficiente máquina de guerra em meados do século XIX. [...] Na prática, esse conceito já tinha sido usado por <u>Alexandre Magno</u>, 2.000 anos antes. [...] Emerson propôs os <u>princípios da assessoria para as empresas industriais</u>. [...] Mais que uma proposição teórica, as idéias de Emerson foram efetivamente adotadas pelas ferrovias e, em seguida, pelas empresas siderúrgicas.” (MAXIMIANO, 2005, p. 123-124)</p>			
Expressão	Jogo de linguagem de origem	Uso da expressão no jogo de linguagem de origem	Uso da expressão no jogo de linguagem das TO
“campanhas”	Militar	Operações militares durante uma guerra; batalha	Administrador (ação do)
“quartel-general”, “estado-maior”	Militar	Local ocupado pelos generais e seu estado-maior	Organização (direção principal, matriz de uma rede)
Significados coevocados		a) patriotismo, lealdade, sacrifício, disciplina, honra; b) estratégia, planejamento, doutrinação; c) vitória, derrota; d) interesse coletivo.	
Uso do proferimento no jogo de linguagem das TO		A empresa funciona numa marcha cadenciada disciplinadamente pela figura do chefe. Trata-se de um exército em que cada militar cumpre seu papel na guerra em busca da vitória de todos. Generais e estados-maiores (dirigentes) planejam, oficiais (gerentes) comandam e soldados (funcionários) vão ao <i>front</i> executar as operações.	
Ilocução (que pode fazer o autor ao dizer isso?)		Configurar as relações entre funcionários, gerentes e dirigentes no ambiente organizacional na perspectiva militar.	
Perlocução (que pode conseguir causar no interlocutor?)		Sentimento de lealdade patriótica à organização.	

Fonte: os autores (2020)

Como podemos observar, os padrões analógicos e metafóricos mapeados acima estão relacionados com dezesseis outras áreas de conhecimento, conforme quadro abaixo:

Quadro 6: Áreas de conhecimento de origem da importação de conceitos por analogias e metáforas nas TO

1. Biologia	5. Engenharia	9. Física	13. Psicologia
2. Botânica	6. Esportes	10. História	14. Sociologia
3. Ciência	7. Ética	11. Medicina	15. Teologia
4. Economia	8. Filosofia	12. Militar	16. Zoologia

Fonte: os autores (2020)

Embora a grande variedade entre estas áreas do conhecimento, tais padrões sugerem que as organizações são propostas nas TO basicamente como entidades de interesse coletivo (metaforizadas em organismos vivos, máquinas, exércitos) a serviço da sociedade. Consequentemente é este mesmo o padrão para os indivíduos que fazem parte das organizações, ou seja, eles são partes dos organismos vivos (órgãos, membros), das máquinas (peças, engrenagens) e dos exércitos (soldados, generais), atuando integradamente para atender ao interesse coletivo da organização. Tais indivíduos, entretanto, desempenham funções

diferentes de acordo com seu papel: funcionários são peças, membros periféricos e instrumentos; gerentes são engrenagens e membros especiais; e dirigentes são a parte principal e vital.

Neste sentido, não é de se estranhar que demissões sejam entendidas como amputações, ou seja, procedimentos cirúrgicos “necessários e justos” (029). No jogo de linguagem da medicina, uma amputação consiste na extração de um membro/órgão periférico em favor das partes principais e vitais do organismo cuja preservação consiste na salvação do organismo. No jogo de linguagem da engenharia, a manutenção preventiva ou corretiva nas máquinas tem a finalidade de mantê-las em adequada operação (030). No jogo de linguagem das atividades esportivas coletivas, o sacrifício dos integrantes do time em favor da competitividade e sua eventual substituição pretendem favorecer a vitória coletiva (002). No jogo de linguagem militar, o integrante dos exércitos sabe que sua individualidade só tem sentido em favor da corporação, a quem deve servir honrosamente (018), (120). Amputações, substituições e sacrifícios, portanto, são entendidos como procedimentos bem-intencionados e inquestionáveis em favor da entidade de interesse coletivo que é a organização (seja qual for a metáfora que usa para significar isso).

7 Considerações finais

A análise realizada neste artigo parece confirmar a tese inicialmente apresentada, em que: as TO são fortemente constituídas a partir de apropriações conceituais externas, em um processo epistemologicamente frágil e ideologicamente enviesado. Estes processos de ressignificação ocorrem na recuperação, em uma memória semântica coletiva, de significados que foram cunhados e amplamente divulgados em outras áreas de conhecimento, e da reutilização em um novo contexto valendo-se de vantagens interpretativas oferecidas por essa memória semântica.

As TO, portanto, estão marcadas pela apropriação da vulgarização de determinadas expressões, locuções que criaram um efeito de ação e ganharam prestígio em um determinado jogo de linguagem e que agora são ressignificadas a partir da adaptação daquela memória semântica, particularmente, através das ocorrências linguísticas de analogias e metáforas. E sua divulgação ocorre particularmente nas situações de educação formal, tomando como base manuais didáticos de Introdução à Administração e TGA amplamente usados nos cursos de Administração por todo o Brasil.

Nada de “inapropriado” haveria, *per se*, nesta “importação inapropriada de conceitos” apontada pioneiramente por Guerreiro Ramos. Isso porque, do ponto de vista pragmático, o significado está sempre se consagrando no uso, não existindo proprietários etimológicos de conceitos, palavras ou expressões. A crítica que surge aqui neste artigo, porém, diz respeito à fragilidade com que esse processo ocorre, particularmente, na área de Administração.

O padrão conceitual sobre arranjos coletivos, por exemplo, é fundamental para entender os dois principais conceitos da área – organização e administração – que se apresentam nas TO como meras

coletividades de interesse coletivo. Do ponto de vista linguístico-semântico, nota-se um processo de extrema “*simplicização*” do fenômeno sóciopsicológico dos grupos. Do ponto de vista ideológico, percebe-se uma disseminação da dialética instrumental própria das práticas de trabalho nas organizações, alijando-se da definição daqueles dois fundamentais objetos teórico-conceituais da área, o viés político inerente às relações humanas e à estrutura burocrática das organizações da produção e do trabalho.

Confrontamo-nos, assim, com mais este capítulo das fragilidades conceituais na Administração, desta feita, no que tange à sua relação com outros campos de conhecimento. Esta importação conceitual, se não chega a ser “inapropriada” (GUERREIRO RAMOS, 1981) – porque a apropriação semântica é um processo intrínseco e inevitável da própria linguagem, e, como tal, é própria não apenas na construção da TO, mas de qualquer saber – certamente tem se realizado de modo descontextualizado.

Por fim, é preciso refletir de maneira contínua e autocrítica sobre essa questão, uma vez que nada se ganha com leituras simplistas de fenômenos complexos. Caso contrário, corremos o risco de confirmar a sentença que nos foi pronunciada, certa vez, por um colega professor da área de Sociologia: “as organizações são complexas demais para serem estudadas por administradores”.

Referências

- ARMENGAUD, Françoise. **A Pragmática**. São Paulo: Parábola, 2006.
- AUSTIN, John L. **How to do things with words**. Porto Alegre: Harvard University Press, Cambridge, 1975.
- AUSTIN, John L. **Quando dizer é fazer: palavras e ação**. Porto Alegre: Ates Médicas, 1990.
- AUSTIN, John L. Performativo-constativo. In: OTTONI, Paulo. **Visão performativa da linguagem**. Campinas: Editora da Unicamp, 1998.
- BARBOSA, Lívia. Cultura de negócios: ambigüidades e contradições. **RAE – Revistas de Administração de Empresas**, v. 42, n. 4, out/dez 2002.
- BURRELL, Gibson. Ciência normal, paradigmas, metáforas, discursos e genealogia da análise. In: CLEGG, Stewart R.; HARDY, Cynthia; NORD, Walter R. (org.). **Handbook de estudos organizacionais**. Volume 1. São Paulo: Atlas, 1999.
- FAYOL, Henri. **Administração industrial e geral**. São Paulo: Atlas, 1994.
- GUERREIRO RAMOS, Alberto. **A nova ciência das organizações: uma reconceitualização da riqueza das nações**. São Paulo: FGV, 1981.
- LEVINSON, Stephen C. **Pragmatics**. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.
- LEVINSON, Stephen C. **Pragmática**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- MAXIMIANO, A. C. A. **Introdução à administração**. São Paulo: Atlas, 2004.
- MAXIMIANO, A. C. A. **Teoria Geral da Administração: da Revolução Urbana à Revolução Digital**. São Paulo: Atlas, 2005.

MORGAN, Gareth. **Images of organization**. Beverly Hills: Sage, 1986.

MORGAN, Gareth. **Imaginization**: new mindsets for seeing, organizing and managing, (new management edition) San Francisco: Berrett-Koehler, 1997.

MOURA, Guilherme L. Resignificações linguístico-pragmáticas na literatura de formação profissional sobre teoria organizacional: indexando fragilidades (**Tese de Doutorado**), 2009. Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009.

MORGAN, Gareth. Abusos metafóricos em manuais de introdução à administração. **RAM Revista de Administração Mackenzie (Impresso)**, v. 13, p. 138-167, 2012.

MORGAN, Gareth. Hipergeneralizações: organizações são quase qualquer coisa em best sellers de introdução à administração. **Cadernos EBAPE.BR (FGV)**, v. 12, p. 62-85, 2014.

OLIVEIRA, Manfredo A. de. **Reviravolta linguístico-pragmática na filosofia contemporânea**. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

PINKER, Steven. **Do que é feito o pensamento**: a língua como janela para a natureza humana. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

TAYLOR, Frederick W. **Princípios de administração científica**. São Paulo: Atlas, 2006.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Investigações filosóficas**. São Paulo: Abril Cultural, 1984.